

Seminário Permanente de História do Brasil

“SOBREVIVÊNCIA E QUOTIDIANO:

AS ESCRAVAS BANTU NO SUDESTE DO BRASIL (1830-1900)”

Maria Odila Leite da Silva Dias

(Universidade de São Paulo/
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Resumo/Abstract

A experiência do tráfico atlântico afetou drasticamente comunidades de mulheres escravas no Congo, em Angola, na África equatorial, de formas as mais diversas, apesar do pano de fundo comum da cultura, dos dialetos e da religiosidade. De uma forma geral, as mulheres não eram visadas diretamente pelo tráfico atlântico, que preferia jovens adultos. Foram, no entanto, afetadas pelo desequilíbrio demográfico decorrente das guerras do tráfico nessas partes da África, onde havia falta de braços masculinos.

Nas suas terras de origem, as mulheres escravas ocupavam-se principalmente da agricultura de subsistência, de tecer, de fabricar utensílios de cerâmica e do pequeno comércio de abastecimento local. O tráfico introduziu o cultivo da mandioca e do milho na primeira metade do século XVIII. Além de trabalhadoras agrícolas, responsáveis pelos gêneros de primeira necessidade, as escravas eram importantes como reprodutoras. Por isso, seus preços eram mais elevados no tráfico interno, destinado à venda para o Oriente Médio, para a Índia e no próprio continente africano.

No Brasil, as mulheres escravas eram menos caras do que os homens, e não eram vistas como eventuais reprodutoras, mas, sim, como mão de obra para as plantações de açúcar e de café. O tráfico atlântico supria a falta de braços, de modo que a reprodução era secundária. A alimentação acabava delegada aos próprios escravos, que recebiam pequenas extensões de terra e o direito a quantias mínimas por serviços excedentes. Embora casadas, as mulheres viviam em geral sozinhas com os seus filhos, pois os homens eram levados para prestar serviços em outras fazendas ou locais distantes. As famílias de mulheres sós são uma herança de costumes africanos presente no Brasil contemporâneo.

Na historiografia da escravidão referente ao Brasil e às Antilhas, enfatizam-se as rupturas culturais motivadas pelo tráfico, mais do que a continuidade dos costumes africanos nas Américas. Valores, costumes e religiosidade foram reinventados nos plantéis do “Novo Mundo”, de acordo com a concentração demográfica em que os escravos viviam, os diferentes dialetos que falavam e a sua preferência por uniões endogâmicas, que contribuiu para a transmissão dos costumes africanos através das gerações.

A documentação escrita não reproduz fielmente a cultura oral das escravas. É preciso recorrer aos jongos, aos desafios, e ter em mente que as mulheres escravas nunca falavam abertamente, preferindo expressões de duplo sentido, para se defenderem da vigilância dos seus senhores. A compreensão desse tipo de práticas representa ainda hoje um desafio para os historiadores.